

## NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E CRÍTICA

HEINRICH A. W. BUNSE, *Estudos de Dialetolegia no Rio Grande do Sul (Problemas, Métodos, Resultados)*, Edições da FFCL da UF do RGS, Pôrto Alegre, 1969, 60pp.

Nesta elegante e meticulosa publicação, H.A.W. Bunse, Titular de Filologia Românica na FFCL da UF do RGS, trata de problemas, métodos e resultados sôbre estudos de dialetolegia no Rio Grande do Sul.

É obra organizada com excelente metodologia. A introdução examina, brevemente, o interesse havido pelos problemas de dialetolegia no Brasil, no passado e no presente; a seguir, são ilustrados os estudos dialetológicos realizados anteriormente, relativos ao Rio Grande do Sul, Estado que apresenta aspectos especiais por ser o mais meridional do Brasil. O Autor examina ainda os aspectos próprios do Rio Grande do Sul, terra de fronteira, onde há fortes núcleos de imigrantes de língua alemã, italiana, polonesa, espanhola. Tal situação lingüística exige, como sustenta o A., métodos especiais de investigação. Após a exposição do estado atual das pesquisas, relata o Autor os primeiros resultados conseguidos, visando à futura elaboração do Atlas Lingüístico e Etnográfico do Rio Grande do Sul. A conclusão oferece algumas sugestões do A. para levar a cabo o trabalho.

O apêndice apresenta quatro questionários elaborados para a pesquisa dialetológica e nove mapas lingüísticos do Rio Grande do Sul.

Como se vê, é uma publicação muito séria, prática, positiva.

Seja-nos permitido, a título de colaboração, salientar, nos questionários N.º 3 e N.º 4, alguns êrros tipográficos, e, no questionário N.º 4, também algumas traduções do italiano culto para o português, que não achamos exatas.

### 1 — Erros tipográficos.

P. 37. Expressão alemã (não: italiana) da localidade; p. 39: **Singhiozzo**, e não **singliozzo**; p. 41: **Formaggio**, e não **formnaggio**; p. 44: **Chiudere**, e não **Chindere**; **Cucchiaio**, e não **cuchiaio**; **Mollica**, e não **mollicca**; **Succiare**, e não **cucciare**; p. 45: **Vacca**, e não **vaca**; p. 46: **Marciranno**, e não **marcisanno**; **la vite**, e não **le vite**; **della vite**, e não **dela vite**; **Pigiare**, e não **pigliare**.

### 2 — Erros de tradução.

Pág. 43: Far l'elemosina — dar esmola, e não pedir esmola.

Pág. 47: La damigiana — o garrafão, e não o barril.

Pág. 47: La vinaccia — o bagaço da uva, e não a barrica.

**Luigi Castagnola.**

ANITA SALMONI CEVIDALLI, *Impariamo l'italiano*, Tipografia Orlandi São Paulo, 1969, 2.ª edição, pp. 260

Com breve apresentação de Ungaretti e prefácio do Professor Ítalo Bettarello, Diretor da Cadeira de Língua e Literatura Italiana da Universidade de São Paulo, sai a lume a segunda edição, de "Impariamo l'italiano" de Anita Salmoni Cevidalli.

Este Curso "nasceu do longo trabalho nas salas de aula do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo", onde a Autora é orientadora do ensino do italiano. Conforme diz o prefácio, a preocupação maior da Autora foi a de organizar este curso "dentro dos novos princípios da escola nova, a qual recomenda que o ensino parta sempre de situações concretas e problemáticas".

O volume, tipograficamente bem apresentado, abrange 53 aulas. No final, são apresentados os paradigmas das conjugações verbais, um elenco de verbos irregulares e uma bibliografia.

Os paradigmas das conjugações verbais seriam mais completos se apresentassem, também, as conjugações de forma passiva, reflexiva e pronominal.

A publicação é de real utilidade prática e constitui uma contribuição apreciável para o ensino da língua italiana nas diversas escolas brasileiras.

É de se augurar que, aumentando paulatinamente, no Brasil, as publicações didáticas para o estudo da língua italiana, esta língua entre a fazer parte dos programas de ensino de numerosos estabelecimentos educacionais secundários. Tal ensino traria, por certo, um enriquecimento cultural para a mocidade e, por conseguinte, para a sociedade brasileira.

A Itália é o berço da latinidade, uma das maiores, mais ricas e nobres correntes culturais da humanidade. Na seiva da latinidade mergulham as raízes profundas de nossa civilização brasileira, que dela se alimenta, pelos caminhos lingüísticos, em seu glorioso e autônomo desenvolvimento.

Luigi Castagnola

A "Rassegna Brasiliana di Studi Italiani", fundada em São Paulo por G. D. Leoni, em 1958, granjeou, sem dúvida, merecimentos destacados na difusão dos estudos filológicos e literários.

A revista cuidou, também, da publicação de três coleções literárias que, aos poucos, se foram avolumando: a) Biblioteca Brasileira de Estudos Clássicos; b) Biblioteca Brasileira de Filologia Românica; c) "Quaderni della Rassegna".

Achamos útil informar os leitores da revista "Letras" sobre algumas publicações que apareceram, ultimamente, nas três respectivas coleções.

- a) **A Festa Noturna de Vênus**, São Paulo, 1966. Além do texto latino, contém apresentação, tradução portuguesa e comentário de G. D. Leoni. **A Arte do Cosmético Feminino**, São Paulo, 1968. Apresentação e tradução portuguesa de G. D. Leoni.

**Minima Virgiliana**, São Paulo, 1969, Apresentação e tradução portuguesa de G. D. Leoni.

- b) Anônimo Catalão do Século XI, **O Carme Latino do Cid Campeador**, São Paulo, 1966. Além do texto, contém apresentação e tradução portuguesa de G. D. Leoni.

Anônimo do Século XIII, **A Castelã de Vergi**, São Paulo, 1968. Contém apresentação e tradução portuguesa de G. D. Leoni e J. Tereza Pont PuJó.

c) J. W. Goethe, **Elegias Romanas**, São Paulo, 1967. Contém uma apresentação de Emil Schostal e a tradução portuguesa de G. D. Leoni.

Angelo Poliziano, **Poesias Gregas e Latinas**, São Paulo, 1969. Contém apresentação e tradução portuguesa de G. D. Leoni.

Sándor Petöfi, **Epicéidio**, São Paulo, 1969. Apresentação e tradução portuguesa de G. D. Leoni.

**Luigi Castagnola**

ADERALDO CASTELO, José. — **O Movimento Academicista no Brasil; 1641-1820/22.** São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1969. XCVI+331 p. v.1 t.1 (Coleção Textos e Documentos, 10)

Conteúdo: Matéria da Academia Brasileira dos Esquecidos, conforme os Mss. existentes no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.

1.ª conferência: 21 de abril de 1724.

2.ª conferência: Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita, Presidente da Academia Brasileira.

3.ª conferência: 21 de maio, Mestre da história militar.

Preocupado com a revisão geral da literatura brasileira, principalmente, no que se refere ao período de sua formação, o professor Aderaldo Castelo, Titular da Cadeira de Literatura Brasileira da USP, não satisfeito com as cogitações e respostas abstratas, compreendeu desde logo "que carecíamos de afirmações e juízos críticos com base em referências reexaminadas e ampliadas pela pesquisa".

Assim, graças a um trabalho sistemático, de quase vinte anos, vem à luz o tomo primeiro, do volume inicial de um plano de publicação de mais três volumes em dezesseis tomos, onde pretende divulgar os éditos e inéditos do Movimento Academicista no Brasil do ano de 1641 a 1820-22.

Todo seu trabalho foi sustentado pela problemática de valorização do papel das academias como "o movimento cultural, mais complexo e legítimo que tivemos", do período barroco até romantismo, o que vem esclarecer uma série de mal entendidos. Pois, as academias vêm sendo desprezadas por representarem a síntese dos vícios culturanistas, pelo caráter encomiástico e supérfluo de suas composições, como bem exemplificam os assuntos:

"Quanto deve a república das letras à Magestade del-Rei Nosso Senhor que Deus guarde verdadeiro protetor delas". (p. 148).

"Problema, quem mostrou amar mais fi-

namente Clície ao Sol, ou Erdimião à Lua". (p. 183).

"Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno na mesma noite, em que Heróstrato lhe estava queimando o templo". (p. 268).

"Uma dama formosa, mas com poucos dentes, que costuma falar pouco, por se lhe ver aquela falta". (p. 289)

Enfim, verdadeiros jogos literários, que atestam um espírito decadente preocupado com técnica versificatória, habilidade de expressão em tórno de motivos ridículos.

Porém, é preciso não esquecer que estes mesmos acadêmicos, cujo grupo forma a primeira congregação de intelectuais, como fator de comunicabilidade, também entregavam-se à pesquisa séria de nossa história, como atestam as obras de Rocha Pita, José Mirales, Frei Jaboatão, elaboradas dentro do programa da Academia Brasileira dos Esquecidos.

Sabiam, também, ser graves e ponderados, apesar do estilo rebuscado, nos discursos como exemplificam a conferência de 21 de maio proferida pelo Capitão João de Brito e Lima (p. 241) ou da oração do acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita. (p. 131).

Resta, ainda, destacar um dos aspectos, que vem aumentar a importância da divulgação e pesquisa destes documentos — a constatação de José Veríssimo de que a crítica literária no Brasil, nasceu com as Academias do século XVIII.

De fato, as Academias representaram não só uma congregação de intelectuais no sentido social, mas pela severidade com que julgavam suas produções.

Wilson Martins em sua obra **A Crítica Literária no Brasil**, ainda ressalta que "a confusão dos críticos brasileiros provém do fato de terem vistos nas academias apenas um capítulo da história da criação e não um aspecto da história da crítica".

Assim, para a revisão do "espírito íntimo" das Academias Brasileiras, a coleção de textos reunidos por Aderaldo Castelo, é uma obra de consulta obrigatória dos estudiosos de nossa literatura.

Cassiana Lacerda

**HERMANN HESSE — Peter Suhrkamp Briefwechsel 1945-1959.** Publicado por Siegfried Unseld. Frankfurt, 1969, Suhrkamp, 506 pgs.

Esta correspondência mostra a amizade entre o poeta e seu editor. Os anos após a guerra, o profundo abismo entre a emigração interna e externa, a separação das editôres Fischer de Suhrkamp, e a reconstrução da editôra Suhrkamp tornam-se novamente visíveis nestas cartas. A troca destas cartas mostra dois homens na linha descendente de sua idade, com seus defeitos e fornece ao leitor impressionantes indicações sobre as funções e tarefas do editor feitas pelo poeta Hesse e dirigidas ao seu editor Peter Suhrkamp, pensamentos que podem valer para editôres de hoje.

**Reinaldo Bossmann**

Três editôras na República Federal da Alemanha, no mesmo ano, publicaram as obras completas de:

**Heinrich Heine: "Obras completas"** (em 4 volumes). München, 1969, Editôra Winkler. Até agora foram apresentados 2 volumes. O volume I.º (966 pgs.) contém as poesias, o volume II.º (974 pgs.) a prosa poética e a obra dramática. Os volumes III.º e IV.º fornecerão os ensaios de Heine.

**Heinrich Heine: "Sämtliche Schriften"** (Obras completas). München, 1968, Editôra Hanser. Dos 6 volumes planejados apareceu o primeiro com 884 páginas. A edição tem a ordem cronológica, com minuciosos comentários, evita, porém, qualquer esquema rígido, sem distinguir a obra do escritor, poeta e jornalista, assim geralmente feito pelos filólogos. Por isso, vida e obra representam uma unidade, seguindo desta maneira a uma sugestão que Heine fez para a publicação de suas obras.

**Heinrich Heine: "Obras em 4 volumes"**. Frankfurt, 1968, Editôra Insel (2200 pgs.). Os quatro volumes apareceram simultaneamente e têm várias preferências: o preço é razoável (para os 4 vols. paga-se tanto como para um único volume das edições mencionadas), o índice segue ao esquema tradicional: poemas, prosa literária, ensaios sobre a França, e artigos sobre a Alemanha, facilitando assim a melhor orientação do leitor.

Na Alemanha, em quase 20 anos, pouco se escreveu e se falou de Heine. As três edições das obras completas do poeta podem ser consideradas como um signo de reconciliação entre o povo alemão e Heine, o qual foi, segundo Hans Mayer, literata e profundo conhecedor de Heine, um acontecimento europeu e um escândalo alemão.

Tanto na República Federal da Alemanha como na República Democrata Alemã, acham-se em preparação edições científico-críticas das obras completas de Heine.

**Manfred Windfuhr: "Heinrich Heine. Revolução e Reflexão"**. Stuttgart, 1969, Editôra Metzler.

Na sua obra, Windfuhr dedica a Heine 300 páginas, não pretendendo descrever a vida dele, mas suas fraquezas humanas, seu universalismo, estilo pessoal, sua atitude viva e transformativa perante a realidade. Interpreta-o como uma das mais cultas personalidades de seu tempo na Alemanha, classificando-o como o primeiro poeta-democrata. Esse livro está longe de emoções e de futilidades da vida de Heine, que, muitas vezes, nas descrições anteriores, escureceram a verdadeira imagem do poeta, e impediram a ocupação com sua criação poética, mas o autor analisa a obra de Heine em sua complexidade, resultando em a originalidade e genialidade do poeta exilado alemão.

**Reinaldo Bossmann**

**Georg Christoph Lichtenberg (1742-1799): "Obras e Cartas"**, publicadas por Wolfgang Promies. 4 vols., München, 1968, Editôra Hanser, 988 pgs.

Para Nietzsche os aforismos de Lichtenberg pertenciam às grandes obras alemãs em prosa, que merecem ser lidos incessantemente. Durante três decênios, a partir dos anos de estudante, Lichtenberg tomava nota de suas idéias e relâmpagos de espírito nos seus "Sudelbücher" (borradores) não usando uma prosa de pompa, mas de simplicidade, sinceridade, a qual chamava de "Pfennigswahrheiten" (verdades de vinténs), trabalhos literários de pequena moeda, mas cheios de profundidade de pensamentos, inteligência e graça. Lichtenberg é o maior mestre em aforismos na literatura

**Reinaldo Bossmann**

**Erich Kästner: "Obras colecionadas para adultos em oito volumes"**, München, 1969, Editôra Droemer.

As 2586 páginas desta edição reúnem todas as obras do poeta septuagenário destinadas a adultos, as poesias melancólicas, satíricas e humorísticas, epigramas, novelas e romances, não incluindo as para crianças. A nova edição das obras de Kästner documenta que o poeta encontra-se atual como antes na Alemanha, e sua "pequena fábrica de versos" — como éle mesmo a chama — é lida com entusiasmo.

**Reinaldo Bossmann.**

Título: PÓRTICO AL QUIJOTE (Estudio Estructural del Primer Capítulo) Curitiba, Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná, 1968 (111 páginas).

Autor: **Guillermo de la Cruz Coronado**, Professor do Departamento de Espanhol da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, SP, Catedrático da Universidade Federal do Paraná, co-fundador e antigo diretor da Revista LETRAS dessa Universidade, autor de substanciais estudos de Literatura, entre os quais se destacam "La Poesía del Oro en Góngora y Quevedo" e "Segismundo y el Amor". Como poeta publicou até agora seis obras. Seu nome está incluído na prestigiosa "HISTORIA Y ANTOLOGIA DE LA POESIA ESPAÑOLA" de Sainz de Robles.

Assunto e Apreciação: Com um prólogo elucidativo sobre sua gênese, este ensaio de Guillermo de la Cruz Coronado consiste no estudo estrutural do primeiro capítulo da obra mais difundida, célebre e estudada de Cervantes. Divide-se o estudo em duas partes dialéticamente enlaçadas: I — "Alonso Quijano, el hidalgo de aldea" e II — "Don Quijote de la Mancha, el caballero andante". Conclui o ensaio, um curto capítulo de síntese e de perspectiva.

A primeira parte analisa e interpreta a situação que precede à crise espiritual de Alonso Quijano. O A. traça as coordenadas circunstanciais de espaço, de tempo e de sociedade, determinantes exteriores do fidalgo e que são, respectivamente, o lugar "fingido" e indeterminado da Mancha, o tempo também de fingimento historicista, que reflete artisticamente a contemporaneidade entre autor e personagem, e a classe da fidalguia decadente à qual pertencia Alonso Quijano, fidalgo que, na narrativa de Cervantes, era reflexo de um tipo social e um tópicos burlesco.

Dessas circunstâncias mais externas o A. passa à circunstância mais ampla e geral do fidalgo, estudando os símbolos da fidalguia aldeã: **lança**, **escudo**, **rocim** e **galgo**. Cruz-Coronado mostra que, com esses símbolos, Cervantes sugere a falsidade de missão de vida da personagem, bem como a presença do passado e o estado decadente do herói.

O A. analisa, em seguida, a vida quoti-

diana do fidalgo e seu círculo familiar, pon-do em evidência os símbolos da alimentação e da vestimenta além das personagens que são sua circunstância familiar mais próxima: a **ama**, a **sobrinha** e o **empregado moço**. Os símbolos do comer servem para tornar clara a decadência econômica de Alonso Quijano e os do vestir, para mostrar a dignidade interior do herói; o círculo familiar aparece a Coronado como típico e tópico, revelando ainda o dinamismo latente que dessa forma se atualiza no fidalgo e ulteriormente se projetará no cavaleiro andante.

Encerra-se esta parte com o estudo da personalidade de Alonso Quijano naqueles traços que iniciam sua transformação de tipo em indivíduo: **idade**, **corpo**, **espírito** e **nome**. Todos esses elementos característicos são, para Cruz-Coronado, explicativos e significativos da densidade vivencial do protagonista, de sua resistência nas ações, de sua energia interior e de sua ambiguidade como pessoa.

Na segunda parte o A. procede à análise de como Cervantes assinala a crise espiritual de Alonso Quijano. Para o A. a crise da personagem deve-se não a uma perda da personalidade, mas sim a uma perda das perspectivas (**das coordenadas**) reais em que vive. Esta crise se processa através de três desequilíbrios (abandono da realidade quotidiana, conversão do passatempo em centro de vida e a mania) e de duas superposições (da imaginação sobre a realidade e da vontade sobre a realidade).

A situação imaginária, o estado de cavaleiro andante, surge, conseqüentemente, como resultado desta crise. O A. deixa claro como Cervantes, expressivamente, molda uma personagem que, elaborando os elementos de sua situação real, dá-lhes um sentido novo dentro de sua nova vivência. Essa elaboração, essa **forja**, abrange três estágios: transformação dos símbolos de fidalgo em símbolos de cavaleiro, invenção da dama, e criação de novos nomes.

O A. termina seu ensaio com uma síntese que recolhe toda a análise e com uma perspectiva para o estudo de toda a novela de Cervantes. Para ele, o primeiro capítulo é a chave e a mola propulsora da novela. Cha-

ve, porque explica o jôgo dual que dinamiza a novela; mola propulsora, porque movimenta à personagem e "dá significado às suas ações" em virtude da dualidade íntima da personagem que é "realmente fidalgo de aldeia e imaginariamente cavaleiro andante".

O ensaio de Cruz-Coronado desvenda a trama estrutural da obra de Cervantes, e revela "novos indícios da atitude espiritual da personagem diante de sua realidade aldeã", precisa os motivos que desencadeiam a crise de consciência de Alonso Quijano e que o transformaram em cavaleiro andante.

Se o primeiro capítulo é o objeto de sua análise, os resultados a que chegou o A. transcendem para tódã a novela, pois o primeiro capítulo é a chave da obra.

Não se pode afirmar que Cruz-Coronado tenha seguido um método pré-determinado para elaboração desse pequeno e substancioso livro. Há, sim, um método próprio, uma posição intelectual particular: incorpora no seu trabalho vários métodos que filtrou e depurou; lança mão da crítica genética, tanto social como psicológica, historicista ou biográfica; serve-se da estilística e de seus conhecimentos lingüísticos, bem como de sua vivência filosófica e literária, sem nunca se afastar do rigor que se impõe como pesquisador e como crítico. Exatamente, é o rigor, em sentido orteguiano, que

determina o desenvolvimento de seu trabalho e se reflete no apuradíssimo estilo, na sua linguagem consistente e nítida.

O caminho seguido pelo A. é o que seguem os comentaristas de texto. Mas seu ensaio afasta-se radicalmente do comentário porque o A. analisa, interpreta, relaciona as distintas partes e, depois de mergulhar no texto e de investigá-lo de tódãs as perspectivas, faz aflorar a sua estrutura dialética.

Tal estrutura espelha-se na dialética do ensaio. Assim como Cervantes, em círculos concêntricos, vai caracterizando a personagem, o A., em círculos concêntricos, penetra na intimidade do processo narrativo e no significado da narração. Essa homologia de estrutura entre o texto e o ensaio, que permitiu ao A. alcançar surpreendentes resultados, evidenciam a eficácia particular do método.

O livro (não é preciso, por óbvio, recomendar sua leitura a estudiosos e leitores de Cervantes) vale ainda pelo espírito e pela prática de rigor, pela linguagem verdadeira de pensamento, que evita a tentação das palavras especializadas, incompreensíveis e sem compromisso com a coisa (e por isso esvaziadas de sentido) e pelas sugestões que oferece a futuros pesquisadores sobre a obra de Cervantes.

**ANTONIO MANOEL DOS SANTOS SILVA**

Paris. Centre Culterel Portugais. **Voltaire et la culture Portugaise.**  
exposition bibliographique et iconographique... 1969.

Ninguém ignora as liames espirituais que existem entre Voltaire e Portugal. Não sòmente Portugal admirou profundamente o filósofo francês, considerando-o, ainda em vida, "a glória de seu século", como Voltaire deixou, sòbre Portugal, páginas que além de refletirem a sua extrema sensibilidade diante da tragédia humana e a agudeza de suas observações, constituem excelente material para o estudo de relação entre duas culturas.

Entre as preciosas publicações do Centre Culturel de Paris, o aparecimento, em 1969 de **Voltaire et la Culture Portugaise** é extremamente valioso. Trata-se de um catálogo de uma exposição histórica e bibliográfica que reuniu manuscritos, edições antigas e modernas, bronzes, medalhas, gravuras e autógrafos, bustos e estatuetas. O objetivo da mostra foi apresentar o homem e o filósofo e também dois aspectos complementares da mensagem voltariana: a cultura portuguesa no tempo de Voltaire e a influência de sua obra em Portugal. A obra, além do prefácio assinada pelo Dr. Verissimo Serrão e da Introdução feita por Théodore Besterman, se apresenta em cinco partes: **L'oeuvre de Voltaire, Bibliographie récente sur Voltaire, Le Portugal au temps de Voltaire, Voltaire et Portugal, Iconographie.**

**Cecília Teixeira de Oliveira Zokner**